



BRONCO ANGEL,  
O COW-BOY ANALFABETO

# FERNANDO ASSIS PACHECO

bronco angel,  
o cow-boy analfabeto

---

Edição e prefácio de Carlos Vaz Marques

L I S B O A  
TINTA-DA-CHINA  
M M X V

Esta novela foi originalmente  
publicada no jornal humorístico *O Bisnau*,  
entre Março e Outubro de 1983.

© 2015, Herdeiros de Fernando Assis Pacheco  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A  
1500-461 Lisboa  
Tels.: 21 726 90 28 / 29 / 30  
info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Ilustrações: © João Fazenda

Título: *Bronco Angel, o cow-boy analfabeto*  
Autor: Fernando Assis Pacheco  
Edição e Prefácio: Carlos Vaz Marques  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Távares)

1.ª edição: Novembro de 2015

ISBN 978-989-671-285-3  
Depósito Legal n.º 399979/15

# Índice

|   |    |
|---|----|
| <i>Prefácio</i> .....                     | 9  |
| Porradões na cabeça .....                 | 15 |
| Os verdes anos .....                      | 19 |
| Meu Deus, outra escola! .....             | 23 |
| Entra o E.T. em cena .....                | 27 |
| Perseguido pelo Olho Vivo .....           | 31 |
| Um cavalo chamado mula .....              | 35 |
| J.R. recebe-me em Dallas .....            | 39 |
| A sós com Ronnie, na Casa Branca .....    | 43 |
| A minha vida leva uma volta .....         | 47 |
| Manias do xefe .....                      | 51 |
| Búfalo Poia em todo o seu esplendor ..... | 55 |
| Búfalo Poia só faz confusão .....         | 59 |
| Um conto de fardas .....                  | 63 |
| Cavalos, índios e outras bocas .....      | 67 |
| Porque me tornei caixadoclos .....        | 71 |
| Afinal sou inteligente! .....             | 75 |
| Volta Jimmy Cicatriz! .....               | 79 |
| Alguns momentos maus .....                | 83 |
| Crónica de um «colt» anunciado .....      | 87 |

|   |     |
|---|-----|
| Como derrotámos os índios forasteiros .....         | 91  |
| Os Lukaspiris vêm à bebida .....                    | 95  |
| Pomadas, danças e papéis .....                      | 99  |
| O acordo com a indiada .....                        | 103 |
| Olha a Conspiração! .....                           | 107 |
| Atritos com a Justiça .....                         | 111 |
| A edição do edital .....                            | 115 |
| Como eu acabei por ir para Connecticut da Tia ..... | 119 |
| As penúltimas horas dum xerife .....                | 123 |

## PREFÁCIO

por Carlos Vaz Marques

**F**ernando Assis Pacheco não foi de cultivar vocação para estátua. A empáfia provocava-lhe fernicoques. É escusado procurar nele grandes proclamações. «Peçam a grandiloquência a outros / acho-a pulha no estado actual da economia.»

Martelando apenas com um dedo a velha Olivetti Lettera 32, de teclado agá-césar, sacou dela versos e breves, reportagens e notas de leitura, prosa urgente e poesia sem receita. Misturou tudo numa peculiaríssima confecção: a *gravitas* e o riso, o decisivo e o desimportante, o vernáculo e as palavras-de-sete-e-quinzentos.

Assis Pacheco levou sempre extraordinariamente a sério aquilo que fazia, incapaz de uma frase banal, mesmo na mais banal página impressa, destinada a embrulhar peixe no dia seguinte. Isso e o avesso: Assis — «o Assis», como era tratado por todos — não se levava minimamente a sério, sabendo dolorosamente que tudo é transitório. Um *sic transit gloria mundi* aprendido na guerra, onde a morte («morte merdeira / coisa ruim de cinza e névoa e cinza») lhe ensinou que o importante é «cuidar dos vivos».

De uma forma ou de outra, quase tudo é riso em Fernando Assis Pacheco. Fazer troça da própria dor pode ser um poderoso

analgésico. Uma pessoa sofre, uma pessoa comove-se, uma pessoa chora, mas no instante em que o sofrimento ameaça tornar-se autocomplacência é altura de sabotar a mariquice com uma boa gargalhada. A farsa é capaz de ser a arma mais eficaz de que dispomos perante a tragédia. Ou, pelo menos, a melhor maneira de lhe empatarmos o passo, já que o resultado final está escrito de antemão.

Também Bronco Angel passou a vida, desde o primeiro capítulo, a levar «porradões na cabeça» e nem por isso esmoreceu. Ele aqui está, impecável, mais bem vestido do que nunca, depois de anos e anos soterrado nas prateleiras da hemeroteca.

Fernando Assis Pacheco publicou esta narrativa (agora reunida em livro pela primeira vez) no semanário satírico *O Bisnau*, durante o ano de 1983, sob o pseudónimo — jocosamente literário — de William Faulkingway. O intuito programático por detrás deste divertimento, podemos encontrá-lo numa frase escrita noutra ocasião, a respeito de um outro texto, mas onde está definida por inteiro, com verve e veemência, a rejeição do sacro respeitinho por uma escrita bem comportada: «Literatura-literatura, bah! Viva o português de quatrocentas calhoadas ao minuto, que é por onde respiro!»

*O Bisnau*, dirigido por Afonso Praça, teve uma existência tão breve quanto a da insólita personagem do cowboy analfabeto. Nascido em folhetim, de pai incógnito, Bronco Angel é a mais viva ilustração da faceta de autor faceto que coabitava, em Assis Pacheco, com as suas outras dimensões literárias. Para além da notável poesia, da «noveleta» *Walt* e do belíssimo romance *Trabalhos e Paixões de Benito Prada*, a obra de Assis Pa-

checo – escritor multímido – é hoje quase por completo desconhecida.

Com este livro, a Tinta-da-china inicia a publicação de toda a obra de Fernando Assis Pacheco: o poeta, o ficcionista e o jornalista. Ou seja, temos pela frente um longo trabalho na recuperação de textos implacavelmente devorados pelo tempo. Apesar de árdua, a tarefa é entusiasmante. Como Fernando Assis Pacheco deixou escrito no primeiro verso de um belo soneto: «Os trabalhos de amor são os mais leves.»

**bronco  
angel,  
o cow-boy  
analfabeto**

## PORRADÕES NA CABEÇA



**E**u nasci de catorze meses, que é assim um bocado prematuro ao contrário, e foi por causa que a minha mãe não queria alcançar mas depois distraiu-se e o meu pai disse:

«Olha, se for rapariga chama-se Custódia», mas nasci eu.

Quando eu nasci a parteira olhou muito para mim e exclamou:

«Este moço é mais feio do que uma embalagem de fósforos de cozinha!»

Isto são coisas que eu ouvi contar e não ligo, porque realmente se fosse a ligar emigrava mas era para o Alasca e nunca mais punha os pés em Crow Junction, ora essa. A parteira nem levou dinheiro pelo serviço, ficou cheia de pena. Diz-se que disse à minha madrinha:

«Mais valia ter nascido de sete meses para vocês se irem habituando. Agora de catorze...»

O certo é que em pequenino não fui feliz nem infeliz, antes pelo contrário. Como todos os putos, roubava marmelada das tigelas e apanhava porradões na cabeça. Deve aliás ter sido disso que saí para o chocho. Ah, mas eu pelava-me por marmelada! Mais tarde, quando subi a xerife, assinei logo um mandado de



---

# bronco angel, o cow-boy analfabeto

---

foi composto em caracteres  
Hoefler Text e impresso pela  
Guide, Artes Gráficas, sobre  
papel Coral Book de 90 g,  
em Outubro de 2015.